



## **METODOLOGIAS NEGRAS NA PESQUISA EM GEOGRAFIA: DESAFIOS E CAMINHOS POSSÍVEIS**

Larissa Lima de Souza <sup>1</sup>

### **RESUMO**

O trabalho reflete acerca do processo de construção de uma metodologia negra/própria para o campo das Geografias Negras brasileiras, compreendida como uma narrativa percorrida em uma tese de doutorado que investigou a espacialidade de uma rede cultural de maracatu entre os anos de 2020 e 2024. A partir da *encruzilhada* como princípio cognitivo organizador das práticas afrodiaspóricas como a vivida/pesquisada na tese, a autora problematiza as limitações e potencialidades de atuação em campo, sobretudo considerando as questões éticas da pesquisa, o diálogo com as fontes bibliográficas e com saberes negros e valores civilizatórios afro-brasileiros. A corporeidade da pesquisadora, os movimentos (em rede) em campo, a convivência comunitária no cotidiano, a sensibilidade, a coletividade e a abertura ao processo de pesquisa destacaram-se como elementos importantes do percurso rumo a um enegrecimento metodológico no fazer geográfico.

**Palavras-chave:** Geografias Negras; Metodologias negras; Ética na pesquisa; Valores civilizatórios afro-brasileiros; Maracatu-Nação.

### **ABSTRACT**

This work reflects on the process of constructing a Black/own methodology for the field of Brazilian Black Geographies, understood as a narrative developed in a doctoral thesis that investigated the spatiality of a maracatu cultural network between 2020 and 2024. Using the *crossroad* as an organizing cognitive principle of Afro-diasporic practices such as the one experienced/researched in the thesis, the author problematizes the limitations and potentialities of fieldwork, particularly considering the ethical issues of research, the dialogue with bibliographic sources, and Black knowledge and Afro-Brazilian civilizing values. The researcher's corporeality, the (networked) movements in the field, the community coexistence in everyday life, the sensitivity, the collectivity and the openness to the research process stood out as important elements in the path towards a methodological blackening in geographic practice.

**Keywords:** Black geographies; Black methodologies; Research ethics; Afro-Brazilian civilizing values; Maracatu-nation.

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente efetiva do Dpto. de Geografia do Colégio Pedro II, [larissa.souza.1@cp2.edu.br](mailto:larissa.souza.1@cp2.edu.br).



## INTRODUÇÃO

O campo acadêmico das Geografias Negras consolida-se no Brasil a partir de inúmeras estratégias de afirmação da presença negra no espaço (Guimarães, 2020; Cirqueira, Santos, 2023) e, sobretudo, da visibilização das ações espaciais na conformação de um “sentido negro de lugar” (McKittrick, 2006).

Este campo do conhecimento tem sido precursor, não somente em termos epistemológicos, mas também ontológicos, o que se reverbera no fazer científico a partir de metodologias diversas, mas sobretudo, apropriadas para nossa comunidade de geógrafa(o)s negra(o)s ativistas (McKittrick, 2006, 2021; Guimarães, 2020; Cirqueira; Santos, 2023; Bledsoe, 2023).

As reflexões aqui presentes são decorrentes de uma pesquisa de doutorado elaborada entre 2020 e 2024, acerca da espacialidade de uma rede cultural de maracatu estabelecida, articulada - e disputada - entre a Região Metropolitana de Recife (RMR), notadamente as cidades de Recife e Jaboatão dos Guararapes, e a cidade do Rio de Janeiro. O estudo contemplou onze comunidades detentoras do patrimônio imaterial conhecido como maracatu-nação (isso equivale a cerca de um terço das nações de maracatu atuantes na RMR) e quatro grupos de maracatu cariocas com os quais elas estabelecem trocas culturais mais intensas.

Os objetivos deste trabalho são compartilhar e discutir com os pares parte do caminho percorrido na construção de “metodologias negras” (McKittrick, 2006, 2021) ou “metodologias próprias” (Guimarães, 2020) para elaborar minha tese de doutorado em Geografia<sup>2</sup>, trazendo à tona os desafios encontrados no processo de investigação geográfica, mas, sobretudo, compartilhando caminhos possíveis e potencialidades deste fazer metodológico enegrecido.

As “metodologias negras” constituem um conjunto de princípios básicos com potencial de promover a **emancipação** voltado às pesquisas científicas (McKittrick, 2021), possuindo, desta forma, um sentido político. É importante considerar que estas metodologias negras/próprias não são consideradas um único caminho cujas regras são fixas e devam ser seguidas. Pelo contrário, a multiplicidade, a abertura ao inesperado, a criação e a experimentação durante o processo de pesquisa são fundamentais (McKittrick, 2006, 2021; Guimarães, 2020). Não há apenas uma única metodologia que possa ser denominada “metodologia negra”; há diversos caminhos possíveis de construção metodológica, a partir de um “sistema epistemológico próprio”(Guimarães, 2020), que façam sentido a partir de nossos

---

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi financiada por instituições públicas como o CNPq e o Colégio Pedro II.



desejos, das questões de pesquisa e de nossas subjetividades em relação àquelas dos sujeitos e comunidades que constroem o trabalho científico conosco.

## **METODOLOGIA**

No processo investigativo, as referências bibliográficas do campo das Geografias Negras (McKittrick, 2006, 2021; Guimarães, 2020; Cirqueira; Santos, 2023; Bledsoe, 2023) foram combinadas com **saberes e ética de terreiro/axé**, principalmente através de princípios cognitivos vinculados ao orixá Exu, como a **encruzilhada** (Martins, 2021 [1997]; Rufino, 2016, 2021; Velame, 2022), e com os **valores civilizatórios afro-brasileiros** propostos por Azoilda Trindade (2006), como circularidade, oralidade, corporeidade, coletividade/comunitarismo e memória, por exemplo.

A coletividade, princípio basilar nas geografias negras (McKittrick, 2006, 2021; Guimarães, 2020; Cirqueira; Santos, 2023), tem sido bastante presente neste campo de pesquisa e ação nos últimos anos. Um exemplo disso são as diversas publicações acadêmicas organizadas coletivamente e efetivadas entre 2020 e 2024 (Souza *et al.*, 2020; Castro *et al.*, 2021a, 2021b; Guimarães *et al.*, 2022, 2023), bem como iniciativas pedagógicas e eventos científicos protagonizados pela rede de geógrafa(o)s negra(o)s brasileiros.

Em relação às últimas publicações no campo das Geografias Negras no Brasil, destaca-se a diversidade metodológica e de instituições e lugares de origem das/dos intelectuais que têm se engajado na luta antirracista e construído, coletivamente, este campo, seja com trabalhos direcionados à prática da Geografia escolar ou à acadêmica, o que indica uma heterogeneidade dentro do campo das Geografias Negras.

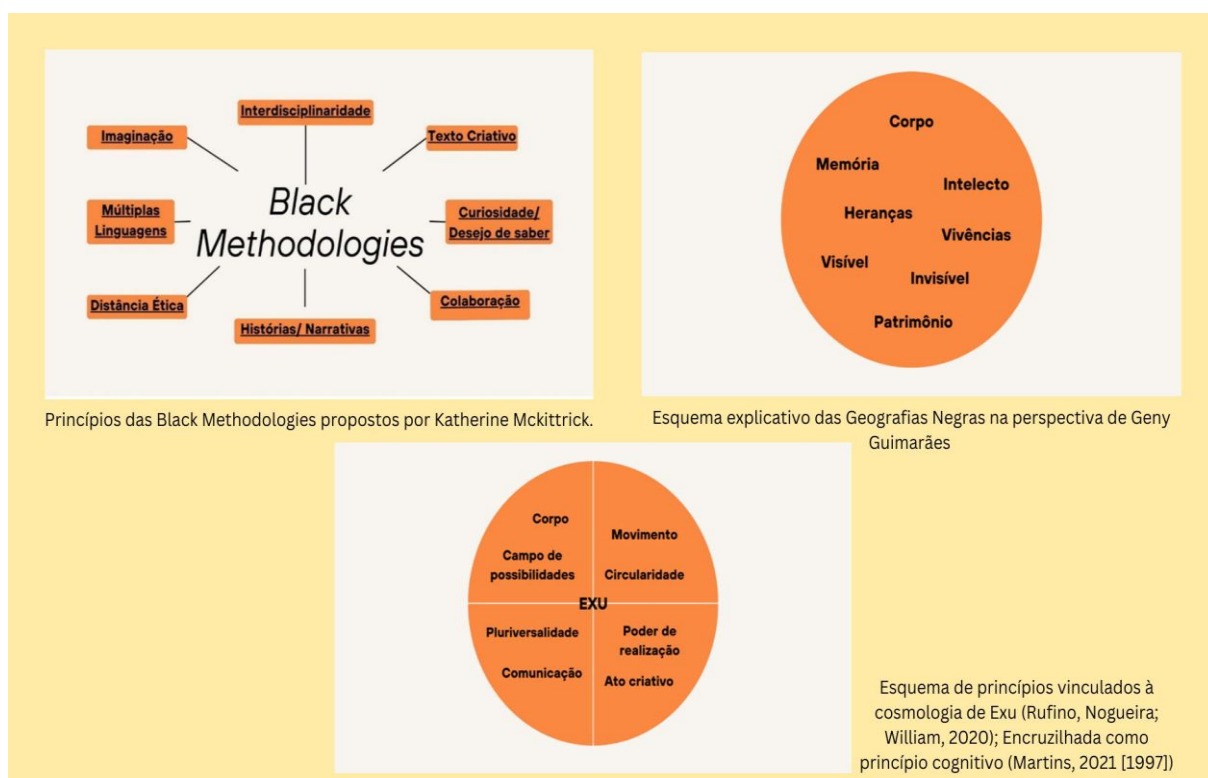
Os saberes de terreiro aparecem como alternativas à episteme ocidental estruturante na academia no trabalho de três intelectuais que também inspiraram meu processo de pesquisa: Luiz Rufino, Rodney William e Sidnei Nogueira. No evento virtual *Èsùs Three-way Crossroads: The Future of Ancestrality in Uncertain Times*, ocorrido em outubro de 2020, esses autores demonstraram a potência de Exu, enquanto princípio cosmológico com potencial para descolonizar nossos corpos, conhecimentos e práticas, incluindo aí a pesquisa científica.

Com base nas reflexões propostas por estes pesquisadores, assim como em McKittrick e em Guimarães, apresento um esquema gráfico (Figura 1) que sintetiza alguns princípios metodológicos do meu trabalho. Ao se observar a Figura 1, é possível notar que os pares de palavras estão agrupados em quadrantes de uma *encruzilhada*, envolta em um círculo. Escolhi essa representação gráfica, no intuito de expressar de maneira visual e didática parte da trama

de significados de Exu<sup>3</sup>, aqui considerado como um princípio cosmológico, ou seja, parte fundamental na construção de saberes de matriz africana no Brasil, tal como compreendem autore(a)s como Leda Maria Martins (2021 [1997]), Luiz Rufino (2016, 2021) e Fábio Velame (2022), entre outro(a)s.

A **encruzilhada**, para a autora Leda Maria Martins<sup>4</sup> (2021 [1997], p.196), pode atuar tanto como um “ponto de convergência de saberes” quanto um “ponto nodal” a partir do qual essa intersecção de modos de conhecer e viver se irradia e se faz presente nas culturas afrodiáspóricas no Brasil.

Figura 1 – Princípios para a construção de uma metodologia negra/ própria nas Geografias Negras



Fonte: Souza, 2025.

Os trabalhos de campo contemplaram contextos distintos e complementares entre si: festas comunitárias e/ou performances no espaço público; viagens de ônibus para apresentações; cerimônias em terreiros; lanches coletivos; oficinas e ensaios abertos; cotidiano

<sup>3</sup> Na cosmologia ioruba, Exu é considerado primordial, pois é o responsável por mediar a interação entre os seres humanos e os demais orixás.

<sup>4</sup> Ainda que esta autora tenha se dedicado a outra manifestação afrodiáspórica, a saber, o Reinado no Rosário de Jatobá (Martins, 2021 [1997]), ela apresenta importantes reflexões a respeito dos significados das encruzilhadas que também permeiam outras práticas culturais negras no Brasil, como é o caso do Maracatu-nação.



das oficinas de percussão e/ou dança no caso das nações e grupos em que realizei observação participante; mutirões para realizar reparos em fantasias e adereços carnavalescos, entre outros.

Considerando o papel da oralidade nos maracatus-nação (Guillen, 2018), além das entrevistas semiestruturadas com lideranças de nações e grupos de maracatu, precedidas pela explicação da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as conversas do cotidiano foram fundamentais para gerar conexão com os sujeitos da pesquisa e, conseqüentemente, para a geração de dados em campo. O trabalho de campo também foi compreendido como um momento de aprendizagem, fundamental para a própria teorização das observações geográficas *in loco*.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A convivência cotidiana e comunitária de sujeitos, majoritariamente, negro(a)s e/ou de terreiro, residentes nas periferias da Região Metropolitana de Recife é determinante na compreensão do maracatu-nação enquanto **cultura negra** (Ferreira, 2012, 2016; Hall, 2013; Lima, 2014; França Filho, 2016). Neste nexos simbólico-territorial, inúmeras atividades se realizam coletivamente para manter a prática cultural: a confecção e a reforma de instrumentos e roupas; o aprendizado de toadas e toques percussivos nos instrumentos do baque; a preparação estética do corpo para as performances (jeitos de tocar, dançar, se maquiar); a organização de festividades; os lanches; a arrecadação e a distribuição de alimentos. Tais atividades podem envolver, simultaneamente, colaboração e tensão entre os integrantes das nações de maracatu, como já sinalizado em França Filho (2016) e em Lima (2014).

Os trabalhos de campo desenvolvidos na pesquisa foram organizados a partir de uma abordagem que alia teoria e prática, inspirados em geógrafas negras que tem pensado caminhos para o enegrecimento de referências teóricas que reverberam na prática metodológica e vice-versa, sobretudo Katherine McKittrick (2006, 2021) e Geny Guimarães (2020). Elas destacam alguns aspectos relevantes como a compreensão das metodologias negras como **narrativas** abertas ao compartilhamento de ideias, à colaboração e à co-criação (McKittrick 2021) e como caminhos investigativos apropriados/próprios em que o **corpo** da pesquisadora negra também é inserido e priorizado no fazer científico (Guimarães, 2020).

No contexto das Geografias Negras brasileiras, Geny Guimarães é uma autora que tem se dedicado a sistematizar e compartilhar suas metodologias de pesquisa. Durante sua comunicação/ aula da disciplina Geografias Negras: conceitos, métodos, processos educativos e linguagens, em outubro de 2020, a autora propôs alguns princípios metodológicos para a



construção de sua tese (Guimarães, 2015) que também me inspiraram a compor uma metodologia negra ao longo da pesquisa que desenvolvi (Figura 1).

Ela destaca que compreende por **intelecto** o **conhecimento diaspórico** produzido e considera a **memória** também como construções de raciocínio, devido à seleção feita entre o que deve ser lembrado/preservado e o que permanece no esquecimento. Em sua Geografia Negra, Guimarães também atribui importância às **dimensões visível e invisível** das vivências e heranças negras no espaço geográfico, chamando atenção para o fato de que o invisível, em sua pesquisa, vai além da religiosidade, podendo ser relacionado com as subjetividades e os simbolismos envoltos no próprio processo de construção de patrimônios no Brasil. Esta autora se interessa, sobretudo, em refletir e instigar

como podemos repensar a Geografia por meio da construção de métodos e metodologias para que as histórias, culturas e conhecimentos de grupos sociorraciais colonizados e escravizados possam ser inseridos em perspectivas de análises espaciais afirmativas. Ao contrário do que prevaleceu na história do pensamento geográfico. Ou seja, transformando os estudos raciais moldados em heranças coloniais e referenciados por modelos epistêmicos racistas em perspectivas raciais afirmativas. (Guimarães, 2020, p.295)

Esse olhar geográfico afirmativo sobre os sujeitos negros e negras, seus conhecimentos e estratégias de ser, estar e se ver no mundo, também aparecem em McKittrick (2021) quando propõe que uma Geografia Negra deve partir da compreensão da complexidade das vivências negras no espaço. No âmbito das Geografias Negras,

“é reivindicado um conhecimento corporificado ao se enfatizar um **sujeito-pesquisador** comprometido e engajado não somente com o conhecimento que está sendo produzido, mas também com os **sujeitos da pesquisa.**” (Cirqueira e Santos, 2023, p.13).

Do mesmo modo, esta humanização das pessoas e comunidades negras que contribuem para construirmos nossos dados de pesquisa, envolve não restringi-las a uma imagem de expropriação, confinamento, violências, mas de resistências e articulações em prol de direitos coletivos, bem-estar e da continuidade coletiva de seus conhecimentos e práticas espaciais (McKittrick, 2006, 2021; Guimarães, 2020; Souza, 2023; Cirqueira e Santos, 2023). Estes princípios devem reverberar tanto nos conceitos adotados em nossas pesquisas, quanto nas metodologias que construímos para operacionalizá-las.



Uma pesquisa forjada nas metodologias negras precisa ser realizada, portanto, em parceria com os sujeitos que participam de nossas investigações, desde as etapas mais empíricas até a redação do texto final, o qual representa uma narrativa. Essa narrativa, por sua vez, demanda uma postura de “distância ética em relação a histórias coletivas de violência racial que impactam como vivemos atualmente”<sup>5</sup> (informação verbal).

É importante notar que as denominadas metodologias negras vão de encontro à perspectiva de ciência cartesiana que busca provar hipóteses, estando muito mais conectadas a uma **abertura** (*openess*) (McKittrick, 2021), aos **movimentos/caminhos** que o processo de pesquisa pode assumir. Estarmos aberta(o)s, inclusive, no que diz respeito à participação e ao engajamento em práticas comunitárias nas quais se baseiam as culturas negras é fundamental. Desse modo, inseri meu corpo na pesquisa através da participação como integrante de duas nações de maracatu de Recife e de um grupo de maracatu carioca ((Maracatu-nação Estrela Brilhante de Recife, Maracatu-nação Almirante do Forte e grupo Tambores de Olokun).

Uma metodologia negra convida ao exercício de *criatividade* para essa narrativa. Nos termos de McKittrick, “o quadro teórico é um quadro criativo.”<sup>6</sup>, o que torna favorável um diálogo entre saberes disciplinares (McKittrick, 2021). Como afirmou anteriormente junto a Clyde Woods, “as geografias negras exigem uma compreensão interdisciplinar do espaço e da criação de lugar que enreda, em vez de separar, diferentes trajetórias teóricas e preocupações espaciais.”<sup>7</sup> (McKittrick; Woods, 2007, p.7. Tradução livre.).

Para aprofundar as reflexões sobre este percurso criativo constituído pela base teórico-epistemológica da pesquisa, gostaria de retomar a ideia da **encruzilhada**. Alguns significados presentes no Dicionário *Michaelis*<sup>8</sup> de língua portuguesa para o termo encruzilhada são: a) lugar onde ruas, caminhos e estradas se cruzam; b) cruzamento; c) momento ou situação em que se apresentam várias possibilidades para se chegar a uma decisão. No senso comum, “estar em uma encruzilhada” costuma significar “Não saber o que fazer, que decisão tomar”<sup>9</sup>, dentre as tantas possíveis, o que configura um dilema.

<sup>5</sup> Afirmação proferida na *Webinar Curiosities, Wonder, and Black Methodologies*, online, em setembro de 2020.

<sup>6</sup> Originalmente, a afirmação proferida na *Webinar* foi: “*Theoric framework is a creative framework.*”, setembro de 2020.

<sup>7</sup> No original, lê-se: “*black geographies demand an interdisciplinary understanding of space and place-making that enmeshes, rather than separates, different theoretical trajectories and spatial concerns.*” (McKittrick; Woods, 2007, p.7.).

<sup>8</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=encruzilhada>. Acesso em 15 out. 2025.

<sup>9</sup> Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/encruzilhada/>. Acesso em 15 out. 2025.



No entanto, escolhi, de certa forma, permanecer na encruzilhada ao longo da construção da tese. Refiro-me à aceção de encruzilhada como um **princípio epistêmico e cognitivo de matriz africana**, tal como compreende Leda Maria Martins (2021 [1997]). Nas palavras desta autora,

Na retórica africana e afro-brasileira, as encruzilhadas são um lugar-terceiro, gerador dos efeitos da variedade de processos intersemióticos e transculturais, metonímia do segredo e metáfora das forças energéticas que iludem ou revitalizam o sujeito e as culturas que o constituem (Martins, 2021 [1997], p.196).

Vimos que a encruzilhada, na perspectiva de Martins (2021 [1997], p.196), é “espaço de origem e diluição”, pois, ao mesmo tempo em que se configura como um “ponto de convergência de saberes”, também exerce a função de “ponto nodal” dessa mesma rede de conhecimentos. Assim, a encruzilhada, em sua multiplicidade, pode atuar como um “lugar radial” (Martins, 2021 [1997], p.196), a partir do qual formas de conhecer interconectadas, cruzadas, se difundem através das culturas afrodiaspóricas.

Tal dimensão do saber envolta nas encruzilhadas também é apontada por Luiz Rufino, autor que compreende “Exu como um **saber praticado** na diáspora” (Rufino, 2016, p.56. Grifos meus.), relacionado ao dinamismo, à criatividade, à comunicação (verbal e não-verbal), à transformação e ao movimento (Rufino, 2016; Velame, 2022). Teoria e prática caminhando juntas e sem uma hierarquização entre mente e corpo, como prevaleceria desde um olhar positivista de ciência.

Rufino (2021) afirma a encruzilhada e Exu (ambos em relação intrínseca) enquanto **fundamentos epistêmicos** com um importante papel de reeducação no processo de compreensão do mundo e de si - o que denomina “pedagogia das encruzilhadas”. Para este autor, a encruzilhada “entra nesse balaio de elaborações de conceitos, como algo que confronta uma espécie de política de conhecimento.” (Rufino, 2021, p.23)<sup>10</sup> e este é um dos motivos pelos quais decidi permanecer na encruzilhada ao longo do processo de construção da tese.

*Parto da e chego na* encruzilhada para a investigação teórica e a prática metodológica de uma pesquisa dedicada a compreender as **redes**, as **conexões** socioespaciais estabelecidas entre sujeitos que estabelecem **trocãs** culturais no contexto do maracatu de baque virado.

---

<sup>10</sup> Nesta obra, o autor traz à tona diversos outros estudos sobre Exu e as encruzilhadas nas Literaturas e no pensamento social brasileiro de modo mais amplo (Rufino, 2021).





Os principais desafios encontrados no processo de investigação se referem à construção de uma experimentação metodológica própria, o que exigiu não somente um diálogo com a bibliografia acadêmica, mas também a sensibilidade de fazer determinadas escolhas para a pesquisa, em meio a relações de poder existentes entre sujeitos e/ou comunidades que participaram da pesquisa. Foi necessário construir redes e, ao mesmo tempo, não comprometer o acesso a determinado(a)s maracatuzeiro(a)s devido à inserção participante em determinada nação, por exemplo.

Em termos metodológicos, a pesquisa trouxe à tona reflexões acerca dos limites de nossa atuação profissional, tanto em campo quanto na escrita de nossos trabalhos. Nós acadêmica(o)s, talvez estejamos deixando a desejar em termos éticos em relação aos sujeitos que contribuem para nossas pesquisas acontecerem. A afirmativa anterior se deve a duas razões:

1) Objetificação dos sujeitos da pesquisa: Em campo, alguns/algumas detentore(a)s do maracatu-nação sinalizaram que tem sido comum a realização de entrevistas por jornalistas e pesquisadore(a)s que, após conseguirem a concessão de informações relevantes por parte do(a)s entrevistado(a)s, simplesmente desaparecem, não retornando às comunidades, fazendo com que se sintam usados e desvalorizados;

2) Divulgação indiscriminada de dados empíricos: Durante a revisão bibliográfica para a tese, percebi que algumas informações acessadas em campo a partir de uma relação de confiança entre sujeitos e pesquisadora(e)s que adotam a prática de observação participante, podem configurar “segredo” dentro das comunidades de terreiro, nas quais se inserem as nações de maracatu. É necessário respeitar os valores civilizatórios da comunidade com a qual se constrói a pesquisa, respeitar esse processo do que se guarda e do que se conta em um trabalho acadêmico a fim de resguardar tais comunidades, já bastante expostas ao racismo religioso contemporâneo.

Já em relação às potencialidades de um fazer metodológico enegrecido junto a sujeitos e comunidades negras, é possível citar: a maior identificação entre sujeitos da pesquisa e pesquisadora; o favorecimento no estabelecimento de redes que contribuiram para a geração de dados em campo; e a coletividade na troca de referências acadêmicas (no campo das Geografias Negras).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a discutir a construção de uma metodologia mais enegrecida no campo da Geografia, a partir do compartilhamento do percurso percorrido ao longo de uma pesquisa de tese. Problematizar os desafios encontrados nesse processo e compartilhar os caminhos metodológicos encontrados se torna relevante para a formação ética e significativa de novos profissionais da área, sobretudo, do campo das Geografias Negras.

Compreende-se que a construção de metodologias negras na Geografia não se restringe ao momento da seleção de autora(e)s que servirão de referência bibliográfica. Ela envolve nossas identidades/subjetividades como pesquisadora(e)s; nossa inserção e comunicação em campo junto aos sujeitos da pesquisa; a relação com essas pessoas após a fase de campo (a manutenção de vínculos/redes); o respeito às suas formas de expressão verbal no momento de transcrições de entrevistas; o respeito à percepção de mundo dos sujeitos da pesquisa, a qual pode envolver uma dimensão ética; a devolutiva do trabalho para que percebam como sua participação foi considerada e aprovem – ou façam sugestões de alterações no texto, entre outros aspectos.

O princípio cognitivo da encruzilhada, o destaque conferido ao papel dos nossos corpos, corporeidades e movimentos, à sensibilidade, à convivência comunitária e à abertura ao processo de pesquisa evocam múltiplas possibilidades de conexões e aprofundamentos teóricos, o que enriqueceu a prática científica junto a comunidades detentoras de um patrimônio cultural negro, ao contrário do que os/as mais cartesianos(as) pensariam.

## REFERÊNCIAS

BLEDSOE, Adam. Reflexões metodológicas sobre as *Black Geographies* nos Estados Unidos. Traduzido por CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Revista da Anpege**, v. 19, n. 38, 2023, p.1-27.

CASTRO, Demian G.; SOUZA, Larissa Lima de; BARBOSA, Suzana dos Santos; FERREIRA, Tatiana. (Org.). Dossiê Geografias Negras no Espaço Escolar (Parte 1). **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, [S. l.], v. 8, n. 15, p.3-117, 2021a.

CASTRO, Demian G.; SOUZA, Larissa Lima de; BARBOSA, Suzana dos Santos; FERREIRA, Tatiana. (Org.). Dossiê Geografias Negras no Espaço Escolar (Parte 2). **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, [S. l.], v. 8, n. 16, p.3-103, 2021b.



CIRQUEIRA, Diogo Marçal.; SANTOS, Mariza Fernandes dos. Considerações sobre as geografias das relações étnico-raciais e as geografias negras no Brasil. **Revista Da ANPEGE**, v.19, n.38, 2023.

FERREIRA, Cleison Leite. O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco: território e representação. **Dissertação** (Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial). Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FERREIRA, Cleison Leite. A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco: representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo. **Tese** (Doutorado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990. 2016. **Dissertação** (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Entre bordados, costuras e tambores: a oralidade nos maracatus-nação de Recife, Pernambuco. Apontamentos para pensar o trabalho de campo e a história oral nos inventários do patrimônio imaterial. In: BAUER, L.; BORGES, V. T. B. (Org.). **História oral e patrimônio cultural: Potencialidades e transformações**. 1ed., São Paulo: Letra e Voz, v. 1, 2018a. p. 113-135.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. GEO-GRAFIAS NEGRAS & GEOGRAFIAS NEGRAS. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 12 (Ed. Especi), p.292–311. 2020.

GUIMARÃES, Geny F.; OLIVEIRA, Denilson Araújo de.; ROSA, Daniel; GIORDANI, Ana; ALVES, Bruno. (Org.). **Geografias negras e estratégias pedagógicas**:. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.



GUIMARÃES, Geny F.; NEVES, Aline; SILVA, Adriana Carvalho; MIRANDA, Eduardo. (Org.). Dossiê Geografias em Perspectivas Negras. **Revista Continentes**, v. 1, n. 21, p. 1-8, mar. 2023.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 1 reimpr. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al.]. 2ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LIMA, Ivaldo Marciano França. Maracatu-Nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e histórias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, p. 303-328, jul./dez. 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 2.ed. ver. e atual. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021 [ 1.ed. 1997].

MCKITTRICK, Katherine. **Demonic Grounds: Black women and the cartographies of struggle**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

MCKITTRICK, Katherine. **Dear Science and other stories**. Series: Erranties. Durham: Duke University Press, 2021.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e Decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Revista Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia**, n. 40, Niterói, p.54-80, 2016.

RUFINO, Luiz. Epistemologia na Encruzilhada: Política do conhecimento por Exu. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**. Universidade do Estado da Bahia, v.2, n.4. Jul/Dez, 2021. p.19-30.

SOUZA, Larissa Lima de. **Aquilombando chão de estrelas: as geografias negras do maracatu-nação cambinda estrela (Recife -PE)**. **Anais do XV ENANPEGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2023.

SOUZA, Larissa Lima de. Patrimônio Imaterial em Movimento: a geografia da rede cultural de maracatu de baque virado entre a cidade do Rio de Janeiro e a Região Metropolitana de Recife



(2020-2024). **Tese...**(Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

SOUZA, Lorena Francisco de.; GUIMARÃES, Geny Ferreira; CIRQUEIRA, Diogo Marçal. (Orgs.). Caderno Temático: “Geografias Negras”. **Revista da ABPN**, v. 12, n. Ed. Especial. p.3-457, abril de 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/issue/view/38>. Acesso em 7 out. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores e referências afro-brasileiras. *In*: BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **A cor da cultura: Saberes e fazeres**, v.3 : modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, p. 17-80, 2006.

VELAME, Fábio Macêdo. **Arquiteturas crioulas: os terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Felix**. Salvador: EDUFBA/PPGAU, 2022.